

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 90 — Domingo, 27 de Fevereiro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPRE E LEIA
"CARA ALEGRE"

A melhor revista
portuguesa de humorismo

A venda nas Livrarias — Preço 4800

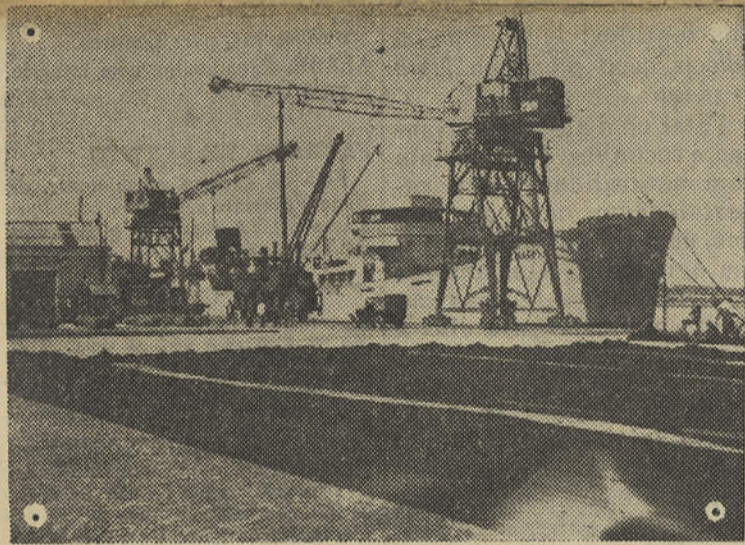
AVENÇA

O PROBLEMA PORTUÁRIO DO ALGARVE

e a opinião do diário portuense

"O Primeiro de Janeiro"

QUE FOCA TAMBÉM O PERIGO DA ELEVACÃO DE FRETES PARA A COSTA ALGARVIA



Um aspecto do cais comercial de Vila Real de Santo António

Sob o título — «Se o Guadiana e sobretudo o mar delimitam cerca de dois terços da terra algarvia e constituem a maior fonte de riqueza dos seus habitantes, há que dotar a província de melhores condições portuárias» — publicou o prestigioso diário portuense «O Primeiro de Janeiro» o seguinte artigo que, com a devida vénia, transcrevemos, permitindo-nos chamar a atenção das entidades económicas da província para o perigo que nele se deixa antever, se se persistir em seguir um rumo diferente daquele que interessa à economia do Algarve.

A PRIMEIRA verdade destas afirmações nos levará um simples golpe de vista dado a uma carta geográfica de Portugal. De Odeceixe ao Cabo, daqui a Vila Real de Santo António e da Foz do Guadiana até Alcoutim, é água, sempre água o que temos em frente dos olhos. E po-

deremos considerar mesmo a parte da serra para onde existe, desde a costa, uma escassa penetração que não vai além de oitenta quilómetros nos pontos de maior afastamento, desligada da influência marítima? Quanto a riqueza, todos nós sabemos de que o Algarve vive. Das suas indústrias de

pesca, das suas fábricas de conserva, de exportação de figo, da amêndoa, da alfarroba, das suas cortiças cuja indústria se encontra decadente por falta de um porto bem apetrechado. Portanto, o algarvio, que vai ao mar buscar parte dos seus produtos, do mar necessita como escoamento racional da sua produção.

Os espinhos da densidade de populações costeiras

Se o homem, no Algarve, fugiu para a costa, teve as suas razões. A serra é sempre mais dura e por vezes cruel. O clima, junto ao mar, trabalha por si e rasgaram-se-lhe ainda outras perspectivas. Estabeleceu-se aqui e além e, hoje, toda a costa algarvia é um pontuado de povoações piscatórias, que vive a pedir a segurança dos seus filhos que se entregam à faina marítima. Esqueçamos mui-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

UMA CARTA

dum

Quiro - Astrólogo

PROPÓSITO dum artigo vindo a lume neste semanário, em 16 de Janeiro, último, na secção «Temas Oportunos», tendo por título «Quiro-Astrólogos, Videntes & C.ª», recebemos agora uma extensa carta dum profissional desta modalidade, em que responde às afirmações do nosso colaborador.

Declara o signatário da carta dedicar-se à «Astrologia Científica, Quiro-diagnóstico (sic), Grafologia, Radiestesia, Iridologia, etc.», e ter a sua actividade subordinada à «Ordre des Astrologues», em França, dizendo-se «ao abrigo do que está regulamentado para a imprensa», ao exigir a publicação da mesma, neste jornal, «para elucidação dos leitores».

No que respeita à posição de «Notícias do Algarve», resolvemos não dar publicidade à citada carta, pelas seguintes razões:

a) — Além da mesma ser excessivamente longa, em relação ao nosso espaço disponível, não é caso de ser invocada a Lei de Imprensa, porque no artigo em causa não se visava ninguém em particular, mas sim os praticantes da Astrologia, em geral. A defesa dos mesmos deverá, pois, com-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

AINDA SOBRE COMISSÕES CULTURAIS

E PRONTO NADA MAIS!...

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

PRIMEIRO hoje o quarto e último artigo à volta de Comissões Culturais. Já vai longa esta tagarelice, concordo. Mas as palavras, como as cerejas, vêm umas atrás das outras e... não há remédio senão recolhê-las no papel e atirá-las para o periódico.

Marcamos a nossa posição relativamente à cultura dentro das colectividades que, afinal de contas e para encurtarmos de razões, se resume nisto:

Uma Comissão Cultural, para produzir um fim útil, não pode agir de olhos fechados às necessidades mais prementes da grande massa dos associados a quem pretende servir.

Eis aqui o primeiro e, talvez, o ponto fundamental da nossa doutrina. Dele se extrai uma orientação que... não pode ser qualquer. A menos se queira remar contra a maré ou lançar a âncora no primeiro baixo, deixando a água correr sem ter em conta o «balçamar» colectivo. Em qualquer destes dois casos, o pouco ou muito esforço dispendido é trabalho inglório.

Fazem-se conferências e... re-

O nosso sistema de matrículas das traineiras vai ser adoptado em todos os centros de pesca

POR despacho do sr. Ministro da Marinha acerca das condições a que devem obedecer as matrículas das traineiras na próxima safra, foi estabelecido que a percentagem a atribuir a cada pescador deverá ser sempre calculada em função da pesca bruta e num sistema semelhante ao que já vigora em Vila Real de Santo António.

sulta isto: aqueles que mais necessitam delas bocejam ao ouvi-las e, na sessão seguinte, votam ao ostracismo os organizadores, a organização e o conferente ilustre!...

A que atribuir este fenómeno? À mentalidade das massas ou à falta de senso colectivo de quem as orienta?

Quanto a nós, essas massas usam da lei do ostracismo inconscientemente, sob o império

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

IMPRESSÕES DA ALEMANHA

O SÁBADO LIVRE ALTERA OS COSTUMES E A VIDA DOMÉSTICA

(Especial para «Notícias do Algarve»)

HAMBURGO — E' provável que na Alemanha Ocidental se possa adoptar o regime de trabalho com o sábado completamente livre, o que dará a todos os assalariados a possibilidade de descansarem e de se entregarem a actividades desportivas e de recreio capazes de compensar o esforço físico e intelectual dos dias de trabalho.

E' evidente que uma medida de tal projecção, ainda para mais a adoptar num período de franco desenvolvimento económico, trará consigo certas dificuldades. Só pouco a pouco se desenvolverá um novo es-

tilo de vida. Um dos problemas a encarar imediatamente é a questão do período de abertura das lojas, motivo de numerosos conflitos, mesmo no regime actual. As famílias fazem as suas compras de preferência aos sábados à tarde, pois é esta a única oportunidade de todos saírem juntos e de se aconselharem mutuamente. Ora o numeroso grupo de vendedores e vendedoras protestam contra uma situação que lhes é francamente desfavorável. Enquanto os ou-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Convalescência

«De onde virá, de onde, esta ponta de febre?»

E o doutor franze a testa.

Sorriu.

E os meus olhos vão colher distância vão respirar fundo onde há flores, não ensanguentadas.

«É de caminhar, doutor. É de caminhar sem fim...»

Ele olha, muito sério, muito pesado:

«A senhora não deve levantar-se...»

A ciência é exacta é precisa

é categórica: Não devo levantar-me.

Como, se é preciso semear flores não ensanguentadas?

Ante-manhã

Mágico o vento soprou as ervas.

Nasceram flores fugazes.

De repente, parece que a terra vai levantar voo.

Eu e as velhas árvores suspensas

no êxtase de um coral que é mais que o festejar da vida.

Que é a própria vida.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

A FAVOR DA «CASA DOS RAPAZES» DE FARO

«NOITES ANDALUZAS» EM FARO E PORTIMÃO

FIM de actuar em 2 espectáculos em benefício da simpática obra de assistência que é a Casa dos Rapazes, de Faro, estará no Algarve, nos próximos dias 1 e 2 de Março o conhecido Grupo de Danças da «Sección Feminina de la Falange Espanhola Tradicionalista y de las J. O. N. S., de Huelva».

Exibir-se-á em Faro, no dia primeiro de Março, e, no dia seguinte, em Portimão.

Este interessante grupo, que ainda recentemente tivemos o prazer de ver actuar nesta vila, e que já conhecíamos da sua interessante exibição nas Festas de Alcoutim, realizadas no verão passado, deslocou-se com a superior autorização da «Jefatura Provincial de Huelva» e sob o alto patrocínio dos srs. Cônsul de Portugal em Huelva e Cônsul de Espanha em Faro.

Este simpático agrupamento juvenil, que tem obtido os mais destacados êxitos com as suas exhibições, foi laureado com o 1.º Prémio Nacional da sua

ESCOLAS infantis

E MÉTODOS DE ENSINO

Pelo Prof. Dr. FERREIRA DE MIRA

TIVE, há tempo, ocasião de visitar a escola infantil pelo método de João de Deus, que funciona num edifício para ela construído expressamente, em Lisboa, na Avenida Pedro Alvares Cabral, e mais uma vez reconheci a conveniência das escolas infantis, quando bem dispostas e apetrechadas, e principalmente quando bem dirigidas, para o bom desenvolvimento físico e mental das crianças.

E' inútil dizer — tantas vezes se tem dito e repetido — que na evolução da criança a natureza normalmente não distingue entre a aptidão para os actos que incluímos na designação de físicos e a capacidade mental. Nem a distinção entre actos físicos e mentais é sempre facilmente estabelecida. Um velho professor, dos que ensinavam a tabuada pondo a classe a gritar em coro, ficaria de certo surpreendido se lhe afirmassem que os seus alunos, gritando e repetindo: 6 ve-

zes 9=54, com o pensamento vago ou distante, estavam praticando um acto puramente físico.

Quero apresentar em público o meu depoimento sobre o que vi na escola infantil a que me estou referindo. E' que tive a agradável surpresa de verificar que as crianças — entre 4 e 8 anos — eram, na verdade, conduzidas por forma que as suas capacidades se iam desenvolvendo harmonicamente nas várias direcções.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

O cine-clube

de Vila Real de Santo António

NOSSO prezado colega «Diário do Alentejo» inseriu a seguinte local, do seu correspondente em Faro, acerca do Cine-Clube da nossa terra:

«Por intermédio do «Notícias do Algarve», que ocupa presentemente entre todos os semanários algarvios um lugar de especial e merecido destaque, chegamos agora a grata notícia de que Vila Real de Santo António vai possuir, dentro em pouco, um cine-clube, para defesa do cinema como arte e não apenas como pura especulação comercial.

Conhecido como é o incremento que por todo o País vão tendo as iniciativas desta natureza, cuja obra no sentido de dar ao público uma ideia mais vasta sobre a missão cultural da arte cinematográfica se tornou, felizmente, já bem popular, temos que apresentar à vila pombalina os nossos cumprimentos pelo facto de se ter antecipado a qualquer outra localidade algarvia nesta iniciativa, e mais ainda, porquanto as duas mais importantes cidades da nossa província, Faro e Portimão, se interessam pela ideia, sem que até agora a tenham realizado.

Parabéns, pois, a Vila Real de Santo António!»

MUSSORGSKI

e o caso dos dois Boris

Pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

II

ORA, qual dos dois Boris fizera Diaghilev ouvir, com a letra em russo, na Ópera de Paris? O autêntico, com a orquestração de Mussorgski, que fora representado em S. Petersburgo em 1874, ou este que Rimski-Korsakow revira, remanejara e reinstrumentara em 1896?

Com toda a certeza, não fora o Boris autêntico, de 1874, mas sim um Boris de... Rimski-Korsakow. Portanto, dir-se-á, este Boris, de cuja nova versão, rimskiana, em 1896 Calvocoressi dava notícia no seu livro, como vimos já. Porém, sim e... talvez não. E'

que desta nova versão, cuja 1.ª edição fora publicada, de facto, em 1896, com um prefácio onde Rimski explicaria naturalmente as razões da sua façanha, aparecerá, em 1908, uma 2.ª edição, com novo prefácio, datado de «S. Petersburgo, 12 de Maio», e no qual Rimski dizia textualmente o seguinte: «Para esta — (2.ª) edição de Boris Godunov, eu retoquei e instrumentei as cenas omitidas na edição precedente — (a de 1896) —, visto a excessiva extensão da obra; a saber: 1) a narração de Pimene acerca da vida do Czar; 2) a cena do mapa geográfico (Boris e o filho); 3) a cena do papagaio e de Boris com o filho e Chuiski; 4) o episódio do relógio de carrilhão; 5) a cena do falso Dmitri e o jesuíta Rangone; e 6) o monólogo do falso Dmitri. Não tendo importância alguma para o conjunto da obra, estas cenas apresentam todavia um grande interesse musical e dramático e podem, segundo o desejo e a escolha dos artistas-interpretres, ser introduzidas na obra; o que faz com que a edição actual do drama musical de Mussorgski seja absolutamente completa e sem corte algum.»

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

Professor MARCELO CAETANO

ESTEVE de visita a esta vila, na passada terça-feira, o sr. prof. dr. Marcelo Caetano, ilustre presidente da Câmara Corporativa, que foi hóspede do nosso distinto conterrâneo e prezado amigo, sr. eng. Sebastião Ramirez, na sua vivenda da Quinta de Cima, em Cacela.

O RISO DA SEMANA



—Não calcula, minha amiga, como eu gostava de ter uma menina...

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

A passar as férias do Carnaval com suas famílias, tivemos o prazer de ver nesta vila os nossos prezados amigos e assinantes, srs. dr. José Ortigão Gomes Sanches, eng. Francisco Ortigão Gomes Sanches, eng. Rui Ramirez Sanches, dr. Matias Palma, Dante Barbosa Guerreiro, eng. agrônomo Acácio Madeira Pinto, Hugo Drago e Augusto Centeno.

Com sua esposa, esteve durante alguns dias na sua propriedade, em Cacela, o nosso prezado assinante e amigo, sr. eng. Sebastião Ramirez, ilustre deputado da Nação.

Esteve nesta vila, de visita a seus pais o nosso amigo e assinante, sr. José Afonso Correia Castanheira, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, em Lisboa.

A seu pedido, foi transferido para a agência do Banco Nacional Ultramarino, nesta vila, o nosso prezado assinante e conterrâneo, sr. Artur Aleixo Horta, que exercia as suas funções no mesmo banco, em Viseu.

Estiveram nesta vila, a passar as férias do Carnaval, os srs. João Eugénio Socorro, António João Ruivinho, António da Costa Campinas e João Manuel Noy.

Regressou de Évora, no passado dia 24 do corrente, a sr.ª D. Ilda Gomes Augusto, esposa do nosso prezado assinante sr. Joaquim Augusto, a qual esteve de visita a sua filha.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, no passado dia 18 do corrente, a sr.ª D. Julieta Moita Gutierrez, esposa do sr. José Pires Guerreiro, nosso prezado assinante.

Em Loulé, onde reside, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino a nossa conterrânea, sr.ª D. Maria de Lourdes Duarte Barros, esposa do nosso amigo, sr. José Maria da Piedade Barros, editor e proprietário do nosso apreciado colega «A Voz de Loulé».

Apresentamos cordiais felicitações.

CONTA-GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Mãos fortes

O dia é um potrozinho alegre, Salta nos campos na rua no céu. Este dia é ser livre é esperar a manhã é pôr flores vermelhas no cabelo. A felicidade chama-se Vinte e Um de Fevereiro de Mil Novecentos e Cinqüenta e Cinco.

Um dia límpido e gentil tal os pássaros que voam dos olhos das crianças. O dia é um potrozinho alegre é límpido e gentil é esperar a manhã é flores no cabelo

é mãos fortes e ousadas para defendê-lo.

Esperança

... E este dia não será estilhaçado. Continuará a ser cristal simplesmente amanhã mais cristalino ainda. Convoco os poetas as mulheres as crianças os homens esforçados e simples para fazerem roda à volta dos dias claros.

Para que o seu cristal não seja estilhaçado.

Infantil

O menino segura o giz o giz o giz o quadro escuro. E diz: E' uma vela azul.

Voa um traço maior, vertical e diz: E' um pássaro.

Desfez-se o giz numa tímida estrela. E diz: E' uma flor.

Depois, junta-os num círculo como num abraço. E diz: E' a paz.

Maria Manuela Nunes

PELA PROVÍNCIA

VILA NOVA DE CA CELA

Doente

Seguiu para a Clínica de Santo António, em Vila Real de Santo António, o sr. Frederico Celorico Drago, a fim de ser submetido a uma intervenção cirúrgica, que foi feita pelo sr. dr. Albano de Lencastre, coadjuvado pelo seu colega sr. dr. Miguel da Silva Morais Simão. — c.

UMA CARTA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

petir a um organismo de classe, que legalmente os represente, em Portugal, e não a qualquer indivíduo sem qualificação representativa.

b) — Este periódico não está interessado em dar guarida a uma polémica neste campo, a qual serviria fatalmente de valioso e gratuito reclamo ao sr. astrólogo e seus confrades.

— Em vista do que antecede e terminando aqui o nosso papel, deixamos a palavra ao nosso prezado colaborador, de cuja autoria é o artigo em causa. Este senhor declara-nos o seguinte:

«Não tive nem tenho motivos pessoais para atacar os químicos-astrólogos, videntes, bruxos e actividades correlativas. Trata-se duma questão doutrinária e de profilaxia moral pública, nada mais.»

Em face da carta, provocada pelo meu artigo, devo afirmar que assumo inteira responsabilidade pelo que escrevi e assino, não tendo sequer a intenção de alterar, no mesmo. Já tinha previsto uma possível reacção da classe visada, mais por via dos seus interesses materiais, ameaçados pelo esclarecimento do público e pela intervenção saneadora das entidades competentes, do que por motivos de «ética científica».

Por isso, recuso-me a iniciar uma inútil discussão em jornais, com este sr. astrólogo ou qualquer outro dos seus colegas. Se acaso o autor da carta se sentiu pessoalmente ofendido, tem ao seu dispor os tribunais para processar-me; e se é a classe que colectivamente se considera agravaada, então que delegue no seu órgão nacional de representação a defesa do próprio prestígio e rectas intenções.

Quanto a vir dizer-nos que em Portugal se está obrigado a acatar as leis francesas, e que a «Summa Theológica», de S. Tomás de Aquino, é um tratado de Astrologia, não é a mim que compete desfazer tais distates, e sim, respectivamente, aos juristas portugueses e à hierarquia da Igreja.»



Confecções Viresa, L. da
FÁBRICA DE CAMISAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Exportação de conservas Em Novembro último, foram exportados 53.816 quilos de atum e similares em salmoura; 139.948 quilos de atum e similares, em azeite ou molhos; 122.283 quilos de cavala, em azeite ou molhos; 41.032 quilos de sardinha e similares, em salmoura; 5.850.168 quilos de sardinha, em azeite ou molhos, e 459.852 quilos de similares de sardinha, em azeite ou molhos, tudo no valor de 100.649.150\$00. Exportaram-se também 250.556 quilos de conservas de produtos hortícolas, no valor de 1.595 contos.

Outras exportações No mesmo mês, exportaram-se 49.623 quilos de alfarroba tritura-da, no valor de 64.510\$00; 578.900 quilos de graminha de alfarroba, no valor de 2.245 contos; 426 412 quilos de amêndoa, em casca, e 646.135 quilos de miolo de amêndoa, no total de 17.895 contos. Sairam também 1.138.188 quilos de figo, no valor de 3.742 contos.

De cortiça em bruto, saíram 5.538 toneladas, correspondentes a 34.240 contos, e de cortiça em obra, 2.400 toneladas, no valor de 57.183 contos.

Caviar de atum Um artigo do sr. dr. A. Oliveira, publicado no número de Janeiro findo da revista «Conservas de Peixe, acerca da preparação do caviar, trouxe-nos à lembrança uma das raras ofertas de conservas que temos recebido, e da qual faziam parte umas latinhãs de ovas de atum, preparadas à semelhança do caviar pelo nosso velho amigo, sr. Eurico Rosa. Provadas e dadas a provar, todos os comensais do esquisito petisco, foram unânimes em lhe conferir foros de manjar delicado.

Vimos agora, no citado artigo, que fornece preciosas indicações sobre o fabrico do caviar, que este também se pode obter, além do esturjão, das ovas de salmão, sargo, bacalhau, lúcio e outros peixes. Nós podemos acrescentar que as ovas do atum de direito são muito mais saborosas que as ovas de bacalhau, e que delas, pelo que

nos foi dado apreciar, pode obter-se um produto saborosíssimo, que não nos envergonhará rotulando-o de caviar do Algarve (atum). O que é preciso é saber fabricar o produto.

A areia, fonte de riqueza Já oportunamente nos referimos ao valor industrial das nossas areias silicas (anidrido silícico) para a obtenção de fibras, indústria que está a florescer na Alemanha. Pois bem, agora a «Bell Telephone», firma alemã, acaba de utilizar a areia como fonte de energia eléctrica. A descoberta fez-se nos importantes laboratórios daquela empresa, a qual construiu uma bateria que se compõe de tiras de sílica muito delgadas e unidas entre si, as quais são altamente sensíveis às radiações solares. Estas, agindo sobre as tiras de sílica, chegam a produzir 60 vátioms por metro quadrado de superfície silicosa exposta ao sol. A bateria é de duração ilimitada, e o seu rendimento, por enquanto, é igual ao das máquinas e motores vulgares. Por se andar, ainda acaba por se descobrir que a humilíssima areia é mais preciosa que o urânio. E então é que é a altura de a vendermos, já que não temos jeito para dela extrair proveito.

Produção de trigo Nos últimos dez anos, verificou-se que a produção média de trigo por hectare subiu, na nossa província, de 286 para 547 quilos. E' o mais írrico rendimento de todo o País. — J. B.

Câmara de Comércio

Argentina em Portugal

Em Assembleia Geral, que teve lugar no passado dia 28 de Janeiro, foram eleitos os corpos gerentes da Câmara de Comércio Argentina em Portugal, que ficaram assim constituídos:

Mesa da Assembleia Geral: presidente — Companhia Portuguesa de Congelamento; vice-presidente — Vítor Guedes & C.ª; secretários — Companhia Portuguesa de Rádio-Marcioni e Carrasqueiro & Teixeira.

Conselho de Administração: presidente — Benjamin Ehrlich; vice-presidente — Arnaldo Martins de Brito; tesoureiro — João da Costa; vogais — Banco Burnay, Armando Bacelar Begonha e António de Sousa Monteiro.

Conselho Fiscal: Barreira & C.ª, União Industrial e Pinto & Vasconcelos.

NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

Telefone 59 Apartado 3

Vila Real de Santo António

VENDE-SE

Uma Carreta Funerária, em bom estado e de boa construção.

Quem pretender, dirija-se a Emiliano da Conceição Viegas, Rua Teófilo Braga, 75 - Vila Real de Santo António.

Assinal e propague «Notícias do Algarve»

ESCOLAS infantis

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Havia cuidado especial em as entreter, em as ocupar, por forma que os sentidos — a vista, o ouvido, o tacto, o sentido muscular — se fossem exercitando e, consequentemente, aperfeiçoando. Com esses exercícios, sucessivamente mais complexos, iam também crescendo em vigor as faculdades intelectuais. Para os professores de ensino infantil é bom terem como verdadeiro, sejam quais forem as suas tendências filosóficas, que a inteligência se desenvolve pela acção dos sentidos: *Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu.*

Falei com algumas crianças, e reconheci que o faziam com naturalidade: nem esportelengas, nem acanhadas, nem procurando pôr-se em evidência. Uns amores de crianças. Algumas são muito pobres, e para elas a escola é gratuita; outras vêm de automóvel. Mas os bibeis são do mesmo riscado, as sandálias do mesmo modelo, o aspecto o mesmo, o mesmo o comportamento. Fiquei sem saber se a menina Primavera, que desenhava um ramo de roseira em tamanho maior do que o modelo natural, é pobrezinha ou milionária.

Tive a impressão de que a parte educativa, que serve de base à formação do carácter, era também delicadamente cuidada; e como as crianças provinham de meios muito diferentes e eram muitas — cerca de uma centena — pensei que devia atribuir o que observava mais à influência da escola do que à acção familiar.

É claro que todos reconhecemos a importância da família na educação, muitas vezes, infelizmente, por observarmos os seus maus efeitos. Mas é um erro supor que estes só se revelam em crianças pobres, porque a educação dada por certos ricos a seus filhos é, frequentemente, defeituosíssima, mais subordinada à vaidade dos pais do que aos bons preceitos educativos. Há, principalmente, o sistema das mestras estrangeiras, cujos inconvenientes são muitos, entre os quais o da desnacionalização.

Quando se observa uma escola infantil e se é surpreendido pelos bons resultados obtidos, tende-se a atribuir estes mais ao método do que aos professores. Isto não é justo. Os melhores métodos são improficuos em mãos de professores inábeis, e um professor óptimo cria ele próprio o seu método. Na escola a que me estou referindo há, pois, que louvar os professores, porque os métodos aí empregados, sendo para a leitura o de

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 19 a 25 de Fevereiro:

Entrados:
MURTEN, Suíço, de 511 ton., de Leixões, com carga em trânsito.
ALABE, Panamenho, de 1595 ton., de Setúbal, vazio.
ROLANDSECK, Alemão, de 1299 ton., de Lisboa, com folha de flandres.
CROSBIAN, Inglês, de 1518 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
HOMBERG, Alemão, de 1820 ton., de Lagos, com carga em trânsito.
Saídos:
MURTEN, Suíço, com conservas, para Génova.
ROLANDSECK, Alemão, para Valência, vazio.
CROSBIAN, Inglês, com alfarroba e conservas, para Londres.
ALABE, Panamenho, com minério, para Dublin.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 26 de Fevereiro a 4 de Março, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

Falecimentos

Joaquim Viegas Paixão

No dia 22 do corrente, faleceu em Monte Gordo, onde era natural, o sr. Joaquim Viegas Paixão, solteiro, de 25 anos, trabalhador.

O extinto, cujo funeral teve grande acompanhamento, era filho de José Viegas Paixão e de Rita Maria.

António Pereira André

Também faleceu em Monte Gordo, em 24 do mês corrente, o sr. António Pereira André, solteiro, de 24 anos, trabalhador.

O finado era filho de Joaquim da Rosa André e de Maria das Neves Pereira.

Estes dois funerais estiveram a cargo da «Agência Patrocínio», desta vila.

João de Deus, deram já largas provas das suas excelentes qualidades.

Não seria erro considerar o método de João de Deus como o único, ou até como o melhor; basta que se considere como bom. Em rigor, tanto para as primeiras letras, como mais tarde para a instrução primária e liceal, nem convém o livro único, nem convém a liberdade absoluta de cada um poder ensinar pelo alfarroba do que lhe convenha. Neste último caso, são possíveis todas as negociações, com prejuízo das crianças. No primeiro, tolhem-se as iniciativas e é-se injusto pondo fora da circulação obras de mérito reconhecido.

O poeta João de Deus morreu quando eu era rapaz, e ainda algumas vezes folheio os seus versos, esquecendo-me, ao calor do seu lirismo, da idade que tenho. Com o mesmo enternecimento visitei as crianças que estão sendo educadas na escola que seu filho dirige, e que, atendendo a elas, merece, tanto como a sua colecção de poesias, o gracioso título de *Campo de Flores*.

Ferreira de Mira

BARCOS

Vendem-se 5 barcos; 2 com matrícula de tráfego local, e os outros 3 com matrícula de tráfego local, costeiro internacional, carregando cada um, entre 20 a 50 toneladas.

DIRIGIR A:

MARÍTIMA DE S. FRANCISCO, L.ª

FARO

MUSSORGSKI e o caso dos dois Boris

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Desconhecendo eu qual o conjunto das cenas que Diaghilev fizera representar em 1908, bem como a data exacta, dia e mês, de tal representação primeira, penso que essa 2.ª edição, aumentada e por certo correcta ainda, tivesse sido feita em vista dessa representação, e talvez que a pedido de Diaghilev... Compreende-se que Calvocoressi não lhe haja feito referência no seu livro, aparecido antes de 12 de Abril (como já disse), porque essa 2.ª edição só foi publicada depois de 12 de Maio, data do seu prefácio.

Também não sei se Rimski-Korsakow ainda estava vivo à data da 1.ª representação, tendo falecido em 8/21 de Junho, ou seja três meses apenas depois da data do dito prefácio.

Em todo o caso, no n.º 270 do *Mercur de France*, (que tenho aqui presente), de 16 de Setembro desse ano de 1908, o terrível Jean Marnold, tão competente quanto justiciero, do alto da sua tribuna crítica de cronista musical, disparava contra Rimski uma catilinária formidável (v. págs. 352/357), sob o título *M. Rimski-Korsakow et Boris Godunow*.

Rimski-Korsakow falecera então já, como vimos, havia uns tres meses... Mas Marnold, como anteparo a toda a censura possível, começava precisamente a tremenda diatribe, dizendo «*Tenho, desde há bastante tempo já, costume de falar aqui dos vivos com tanta independência como se eles estivessem mortos, para ter adquirido por isso talvez o direito de falar dum defuncto como se ele estivesse ainda vivo.*»

E em seguida, ajuizando criticamente do valor próprio do talento e de toda a obra musical de Rimski-Korsakow, cai a fundo sobre a sua facanha de revisão, correcção e reinstrumentação do trabalho de Mussorgski, condenando-o sem remissão possível. Analise minuciosíssima, concretíssima, não podia, por forma alguma esta acirrada crítica de Marnold ter passado despercebida à elite cultural francesa, e não pode portanto ter sido esquecida por ninguém dessa elite... Marnold descia até pormenores como este: «*Enfim, se se trata de orquestra, pessoas bem informadas, como o sr. F. Blumenfeld, que dirigiu a obra na O'pera, declaram que as mudanças feitas pelo revisor na instrumentação de Boris estão longe de serem sempre felizes.*» E em suma: «*Falsificação da obra do seu amigo, o sr. Rimski-Korsakow cometeu uma má acção à qual não se vê outra desculpa sendo uma inextinguível estupidez.*»

A finalizar, Marnold acrescentava, como esclarecimento precioso: «*A partitura original de Boris Godunow, com efeito mesmo velha já, é quase introuvable hoje e está esgotada em casa do editor, que desde há anos, não fornece já sendo a contra-facção da obra mais extraordinária que a música eslava tem produzido. Por felicidade, corre pelo mundo, aqui e ali, alguns velhos exemplares, que as pessoas confiam umas às outras como um tesouro, e que toda a gente, a partir de 1911, poderá livremente imprimir, tendo então as produções de Mussorgski caído no domínio público. Esperando esta ressurreição preparada, Boris oferece à nossa O'pera a ocasião de uma réplica elegante ao sucesso das representações russas.*»

Fora portanto um Boris rimskiano, da 1.ª ou da 2.ª edição o que Diaghilev revelara a Paris, em russo, em 1908, e o que cinco anos mais tarde se tornou a ouvir no Teatro dos Campos Eliseos, desta vez com a letra traduzida em francês. A confirmação disso encontro-a no *Dictionnaire de Musique* de Riemann, 5.ª edição francesa (1931) pag. 883, onde leio que, aparte as duas versões de Boris devidas a Mussorgski (a 1.ª de 1869/70, que Mussorgski corrigira e remodelara na versão definitiva, de 1874, conforme veremos), «*as duas outras versões são devidas a Rimski-Korsakow, e datam de 1896 e 1908.*» Ora é nestas últimas formas que a obra foi geralmente conhecida (1.ª representação na O'pera de Paris em 1908, em Breslau em 1915).

Tudo isto que já se sabia, sabia-o eu também quando, em 1925 a revelação do Boris no Teatro de S. Carlos, em russo e italiano, sob a batuta de Kussevitski, me levou de propósito a Lisboa, onde assisti aos cinco espectáculos memoráveis. Adquirira pouco antes, porém, a partitura de piano e canto, com a letra em russo e em italiano, — da *nuova edizione, riveduta, ritoccata e strumentata da N. Rimsky-Korsakoff*, conforme leio no frontespício. Traz esta edição — de W. Bessel & Comp. — e datada de 1909, dois prefácios em russo que, até há pouco ainda, ignorava o que di-

riam, tendo apenas percebido que ambos vinham assinados por N. Rimski-Korsakow e datados de S. Petersburgo, o primeiro a 1 de Maio de 1896 e o segundo a 12 de Maio de 1908. Neles, segundo pensava, se teria explicado e justificado Rimski do trabalho que fizera em 1896 o qual teria naturalmente aperfeiçoado ou ampliado na edição de 1908. (Já vimos o teor integral deste último prefácio).

Fosse como fosse, o que de positivo ressaltava para mim, em face da representação e da partitura, era que a estrutura dramático-cênica da obra divergia da edição mussorgskiana de 1875, analisada por Calvocoressi. Sobre tudo me surpreendera a inversão das duas cenas do 4.º e último acto, finalizando a obra com a morte de Boris, e tendo sido posta, antes desta cena final, a da revolta, com o *iurodivy* a lamentar-se. Mas em pormenor não tive a ensejo de apurar a falsificação... ficando perplexo, sem me deixar todavia captar pela brilhante e indumentária orquestral do feiteiro...

Em 2 de Fevereiro de 1925 adquiri eu, porém, em Lisboa um livrinho, em italiano, de Adolfo Damerini, duma colecção de guias musicais, sobre *Boris Godunoff*, no qual vêm musicalmente comprovadas algumas das incríveis adulterações feitas por Rimski à obra do seu amigo. Marnold devia ter tido absoluta razão.

Todavia, no *Journal de la vie musicale*, de Rimski-Korsakow, aparecido em tradução francesa completa, em 1938, — uma obra das mais interessantes que tenho lido, documento de primeira ordem sobre toda uma época, — encontro acerca do Boris referências fidedignas variadíssimas, algumas delas servindo a desmentir certas lendas muito acreditadas, dada a implacável objectividade, sem digressões psicológicas gratuitas, que caracteriza a maneira peculiar do autor.

E' assim positivo que, tendo Mussorgski, com texto de Puchkine e da sua lavra, composto nada mais que uma série de quadros musicais, digamos, sintéticos, do drama, (como Calvocoressi bem fizera notar), apresentara (diz Rimski) na temporada de 1869/70, «*Boris, terminado, à Direcção dos Teatros Imperiais.*» Examinada por uma comissão oficial, fora a obra rejeitada. «*A novidade e estranheza da música (continua Rimski) espantaram demasiadamente a digna comissão, que, entre outras coisas, censurava ao autor a ausência dum papel importante de mulher. (...) Certas críticas da comissão eram simplesmente grotescas (...). Mussorgski, furtoso e ofendido, retomou a sua partitura, mas tendo reconstruído, decidiu revê-la e completá-la. Imaginou o acto polaco em dois quadros, o quadro da floresta de Kromy e a cena em que se conta como é que o anátema é lançado sobre o usurpador. O «Inocente» que aparecia nesta cena foi transportado para a cena da floresta. E este quadro, que havia de ser o penúltimo da ópera, foi em seguida colocado pelo autor no fim da obra. Mussorgski empregou-se com zelo nestas modificações para poder apresentar de novo Boris à Direcção dos Teatros.*» (pág. 87).

No outono de 1871, decidira Rimski viver em comum com Mussorgski, num quarto mobilado que alugara; e terá sido este, acrescenta ele, «*o único exemplo, creio eu, de vida em comum de dois compositores. Tinhamos arranjado as coisas de modo a não nos incomodarmos um ao outro. De manhã, até ao meio dia, Mussorgski utilizava o piano e eu transcrevia ou orquestrava fragmentos já inteiramente compostos. Ao meio dia, ele ia para o seu serviço no ministério e eu tomava o piano.*»

Além disto, duas vezes por semana eu ia ao Conservatório às 9 horas da manhã, e Mussorgski jantava muitas vezes em casa dos Opotchinine, de modo que tudo ia pelo melhor do mundo. Nesse outono e nesse inverno, trabalhamos muito, trocando continuamente ideias e projectos. Mussorgski compôs e orquestrou o acto polaco de Boris Godunow e o quadro da floresta de Kromy. Eu orquestrei e terminei a Pskovitanka. (pág. 97). Em 1875, no Teatro Maria, (da Ópera Russa) «*no fim da temporada, representaram-se em benefício de não sei já quem, duas cenas de Boris Godunow: a cena da taberna e a da fonte. Tiveram um sucesso enorme. Mussorgski, como todos nós, estava entusiasmado, e ficou decidido representar-se Boris inteiro na temporada seguinte. Depois desta representação, Mussorgski, Stassov, a minha cunhada (...) e outros amigos músicos, reunimo-nos em nossa*

CASA DO ALGARVE

À memória do engenheiro

Barata Correia

Na sua última reunião, a direcção da Casa do Algarve, por proposta do seu vice-presidente, sr. dr. Quirino Mealha, aprovou, por unanimidade, um voto de sentimento pela morte do antigo director das Estradas do Distrito de Faro, sr. engenheiro Joaquim Barata Correia, como tributo de gratidão pelos relevantes serviços que o mesmo prestou à provincia, durante o longo período em que nela exerceu as referidas funções.

Festas do Carnaval

Decorreram com grande animação e o habitual brilhantismo as festas do Carnaval na Casa do Algarve, tendo havido, no domingo, à tarde, um elegante desfile de máscaras infantis, com a distribuição de prémios, guloseimas e brinquedos a todas as crianças que nele tomaram parte.

Um júri, constituído pelas senhoras D. Carmen Madeira, D. Rosário Salgado Moreno, D. Herminia Martinez e D. Claudina Rocheta, atribuiu as seguintes classificações:

Primeiros prémios: às meninas Maria da Graça e Maria Beatriz Guerreiro de Brito, mascaradas de floristas e de dama antiga; ao menino Sérgio Neves Coutinho Taipas, mascarado de palhaço; e ao par Maria Luísa e Fernando Manuel Rocha Pinto, mascarados de holandeses.

Segundos prémios: às meninas Maria Margarida Silva Fernandes, Ilda Teresa Alves Macara e Maria Dulce Delfim Correia, mascaradas, respectivamente, de sevilhana, de florista e de cigana.

Terceiro lugar: ao menino Carlos Manuel Marcelino Camacho de Jesus, mascarado de marajá.

Comemoração das Bodas de

Prata da Casa do Algarve

Em 8 do mês próximo, data do 125.º aniversário do nascimento do imortal lírico e pedagogo João de Deus, patrono da Casa do Algarve, serão comemoradas as Bodas de Prata desta colectividade, com uma sessão solene, em que a distinta poetisa algarvia, sr.ª dr.ª D. Irene Calapez versará o tema «*Amor Maternal na Poesia Portuguesa.*» O referido trabalho será ilustrado com recitativos. Oportunamente, serão anunciados outros importantes números do programa festivo desta comemoração, que já está sendo elaborado pela direcção da Casa, com a colaboração das suas Comissões Cultural, de Turismo e de Festas.

VINHOS
Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

... casa para ceiar: bebemos champagne à representação de Boris e ao seu sucesso» (pág. 105). Pierre d'Alheim, no seu livro, esclarece que além das audições fragmentárias em que desde 1868 a 1871, no círculo dos amigos íntimos, Mussorgski ao piano, com a sua bela voz de barítono, cantava todos os papéis de homens e trechos dos coros, e uma cantora amiga, os papéis femininos, os dos garotos que perseguiram o *iurodivy*, e o papel deste, se haviam dados fragmentos importantes, no inverno de 1871/72, em casa dos chefes das decorações e costumes dos teatros, que se interessava muito pela jovem escotista russa. «*Por fim em Fevereiro de 1875, a cena do albergue, a cena do boudoir e a da fonte foram representadas no Teatro Maria, em benefício do régisseur, sr. Konradief. O sucesso das três cenas foi muito franco. Alguns meses depois, começaram os ensaios do drama, e a 24 de Janeiro/6 de Fevereiro de 1874, teve lugar a primeira representação (p. 188). E d'Alheim reproduz dum artigo do crítico Stassov a impressão causada: «Os velhos, os indiferentes, os rotineiros, os fiéis da antiga música de ópera mostraram-se furiosos; os pedantes do Conservatório e os críticos protestaram, de saliva na boca. A cabala estava organizada (...). Mas, em compensação o entusiasmo dos jovens chegava ao delírio (...). Vinte representações tiveram lugar diante da sala à cunha. Não era raro encontrar de noite, na ponte da Lituânia, grupos de rapazes cantando o coro do povo do último acto. A mocidade entusiasmava-se pela obra de Mussorgski...» (ps. 188/89).*

Francisco Fernandes Lopes



DESPORTO FUTEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão (Zona D)

Na Mina de S. Domingos

S. DOMINGOS, 2 — LUSITANO, 0

Para a segunda jornada da segunda fase do Campeonato Nacional da III Divisão, defrontaram-se, na Mina de S. Domingos, as equipas de honra do Lusitano F. C. e do S. Domingos F. C., as quais alinharam da maneira seguinte:

Lusitano: Balbino; Lopes, Saniña e Pescada; Agostinho e Natércio; Almeida, Araujo, Antunes, Rola e Modesto.

S. Domingos: Zarcos; Lopes, Martins e Cipriano; Fernandes e Teixeira; Rogério, Aleixo, Valentim, Brás e Marques.

O triunfo do grupo alentejano foi bem merecido. Os seus jogadores foram, de longe, mais voluntariosos que os nossos conterrâneos e procuraram sempre ligar os seus esforços, numa manifestação louvável de espírito de colaboração.

Os vilareales jogaram abaixo das suas possibilidades e, além da sua fraca inspiração técnica, mostraram-se pouco entusiasmados para tentarem alterar o desenrolar desvantajoso dos acontecimentos.

O Lusitano teve, realmente, uma tarde infeliz. Os avançados poucas vezes conjugaram os seus movimentos e os médios nunca foram elementos à altura das necessidades. A defesa foi o compartimento que melhor actuou, com os seus componentes a resistirem aplicada e agressivamente aos visitantes.

O S. Domingos construiu a vitória no primeiro tempo, tendo os seus golos sido marcados pelo extremo direito e interior da mesma ala, em seguimento à marcação de dois cantos.

Quando cerca dos 20 minutos do início, Almeida concluiu uma boa avançada atirando um fortíssimo remate que esbarrou na trave, chegámos a admiir a hipótese de uma

viragem no decurso da partida. O marcador acusava, então, 1-0 e o Lusitano parecia disposto a reagir à pressão contrária, através de uma melhor movimentação global. Todavia, acabámos por verificar que tal facto era apenas uma breve, frouxa e impotente tentativa de despertar da sua modorrenta letargia.

Esperemos que, de futuro, os componentes da equipa de honra do Lusitano se mostrem mais comprometidos das responsabilidades inerentes à representação da colectividade, que, tendo um passado brilhante, é digna de um pouco mais de dedicação. E confiemos também que se saiba corrigir algumas das principais deficiências de conjunto que a equipa denuncia claramente em todos os seus jogos.

Outros resultados:

Despertar-Silves 1-1
Moura-S. L. e Faro 6-1

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
S. Domingos	2	2	—	—	7	8
Silves	2	1	1	—	7	2
LUSITANO	2	1	—	1	6	4
Moura	2	1	—	1	7	2
Despertar	2	—	1	1	8	7
S. L. e Faro	2	—	2	—	4	11

Jogos para hoje:

Em Silves:
SILVES-LUSITANO
Em Faro:
S. L. E FARO - DESPERTAR
Na Mina de S. Domingos:
S. DOMINGOS - MOURA

Campeonato Nacional-II Divisão (Zona Sul)

FARENSE, 1 — OLHANENSE, 0 O empate seria o resultado lógico

Jogo disputado em Faro, no Estádio de São Luis, perante numeroso público.

Arbitrou a partida o sr. Eduardo Gouveia, de Lisboa.

Farense: Isaurindo; Nelo e Lúcio; José Maria, Celestino e Lanziha; Alfredo, Rendeiro, Vinuesa, Balela e Queimado.
Olhanense: Silva; Ezequiel e J. Manuel; Toupeiro, Tavares e Poeira; Rangel, Del Duca, Vinício, Santiago e Simões.

Golo marcado no segundo tempo, por Vinuesa, num livre por carga de Ezequiel a Rendeiro, havia 3 minutos de jogo.

Está mais que provado que Farense-Olhanense é um acontecimento desportivo digno do maior registo, na provincia do Algarve. Mesmo encontrando-se o clube de Olhão numa posição ingrata, os seus ad. ptes não o deixaram, e deslocaram-se em todos os meios de transporte à capital do Distrito, para verem jogar o seu «Olhanense». O jogo foi, na verdade, de puro campeonato. Talvez dos mais bem disputados esta época, no Estádio de São Luis, em que principiou pela surpresa de ver o Olhanense produzir um futebol de belo talhe; depois, porque o Farense apresentou-se aprensivo e com nervos, até conseguir o golo da vitória, saído dum pontapé aparentemente fácil de defender, mas enganoso, traizoeiro ao máximo. Como espectáculo, foi agradável de seguir, não havendo uma nota discordante que ensombresse o desenrolar do jogo; tecnicamente, o prélio teve bons períodos. Para isso contribuiu a toada de ataque que ambas as equipas adoptaram, com realce, sendo o balanço geral do jogo favorável aos olhanenses, que há muito não víamos jogar com tanto agrado.

Os visitantes tiveram, na verdade, meia dúzia de jogadas, algumas merecendo melhor sorte, em que a bola, partindo da sua defesa, chegava rapidamente em frente das balizas de Isaurindo, em boa posição para o chute final. Os avançados olhanenses, precipitados, acabavam por fazer o que parecia impossível, atirando ao lado. Algumas foram bater nos postes, e outras magistralmente defendidas por Isaurindo.

Após noventa minutos de jogo, em que imperou energia a todos, a vitória sorriu aos farenenses, como podia ter sorrído aos olhanenses. Foi, no entanto, os farenenses que venceram o prélio, porquanto a vitória também não lhes fica mal. Todavia, foram algo felizes nos remates que a barra defendeu, chuta-

dos formidavelmente por Toupeiro, Del Duca, Vinício e Poeira, com Isaurindo já batido. Se atentaríamos também que os locais tiveram algumas oportunidades que não souberam aproveitar, ficamos por aqui: o empate seria o resultado mais lógico.

O Olhanense, como acima dissemos, fez boa exibição, a confirmar que o lugar que ocupa não está de harmonia com o seu valor. Os rapazes de Olhão jogaram dum forma tal, que não pareciam ser nem as sombras daqueles que oito dias antes havíamos visto jogar frente ao Arroios, de Lisboa, porquanto puseram na luta todo o seu saber, espírito de sacrificio e vontade e o brio que são necessários nos desportistas.

Como todos os 22 jogadores puseram na luta tudo quanto podiam, ficam por aqui as nossas declarações; e não destacamos absolutamente nenhum, porque todos jogaram pela defesa das suas camisolas.

No final do encontro, enquanto os farenenses saíam satisfeitos, como é natural, pela vitória dos seus rapazes, os adeptos do Olhanense saíam chocados, mas de cabeça erguida porque viram, na verdade, que deram todo o sacrificio.

E para darmos por finda esta crónica sobre este «Derby regional», resta-nos afirmar que, pela 1.ª vez na história do desporto algarvio e a duas jornadas do fim, o Farense pode-se considerar superior ao Olhanense. Primeiro, porque ficaram no final da competição à frente dos olhanenses, e segundo, porque ganharam os dois encontros, respectivamente, em Olhão, por 3-0, e agora 1-0.

Mas não haja, pela parte dos dirigentes, associados e atletas do Olhanense, desalento, porque tudo isto faz parte do desporto e ele é mesmo assim.

Resta, todavia, a todos os olha-

CINE-FOZ

Espectáculos da semana:

Hoje, apresenta a extravagante aventura de um cómico inimitável, no país das revoluções e das mulheres com dinamite nos lábios, *O capataz sou eu*, com Renato Rascel e Silvana Pampanini.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Terça-feira, 1 de Março, programa duplo.

Silvia e o fantasma, com Odette Joyeux e François Perier, num filme que é dos casos mais curiosos e... tristes.

Bomba, o filho da selva, com Johnny Sheffield e Karen Sharpe. Bomba em luta com as feras e com uma tribo de selvagens, na selva misteriosa!!!

(Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Quinta-feira, 3 de Março, um filme inolvidável pelo seu ambiente forte e comvente e pela intensa realidade das suas paixões, *Flor silvestre*, com Dolores del Rio e Pedro Armendariz.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

TEATRO

Na sala de espectáculos do Lusitano Futebol Clube, no próximo dia 4 de Março, sexta-feira, é levada à cena a comédia em 3 actos: «Os Pimentas».

VENDE-SE

BUICK, modelo ano 1928, em bom estado de conservação.
Rua Cândido dos Reis, n.º 1 — Lagos.

Torno Mecânico

A Empresa Rodoviária, Olhão, aceita propostas para o fornecimento de um torno mecânico de 1,50 metros entre pontos, barramento prismático e caixa Norton, com motor eléctrico acoplado, 220/380, 50 períodos alterna. Novo ou usado. Até ao fim do corrente mês.

Resposta à mesma Empresa, em carta fechada, para a sua sede: Rua n.º 4 da Avenida Dr. Bernardino da Silva — Olhão.

nenses a consolação e o legítimo orgulho de gritarem bem alto da seguinte forma: Como o Olhanense e o Lusitano, já mais aparecerão no Algarve, porque estes dois foram e serão sempre os grupos que deram a história e prestígio à Associação de Futebol de Faro.

Por esse facto os olhanenses devem, sim, continuar a trabalhar cada vez mais para a continuação dum Olhanense grande, como é realmente o desejo de todos os filhos de Olhão. O mesmo desejamos ao Farense. Estes são os sinceros votos de «Notícias do Algarve», que também se interessa pelo desporto algarvio...

Campeonato Nacional de Juniores

OLHANENSE, 5 — BEJA, 0

No Estádio Padinha, realizou-se, no domingo passado, o encontro entre as equipas do Beja e do Olhanense, para o campeonato nacional, cujo resultado foi favorável aos olhanenses por 5-0. Na 1.ª parte, já vencia por 2-0. Boa arbitragem do sr. Manuel Barulho, de Setúbal.

Em Lagos, a equipa local venceu também o Lusitano de Évora.

Heroullano Valente

FERRO
PARA CIMENTO ARMADO
TODOS OS CALIBRES
VENDE:
Hilderico do Nascimento Pires
Vila Nova de Cacela Telefones: 4 e 14

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

RAZÃO E CORAÇÃO

Seguir a razão até final, exige muito heroísmo. Tanto, que poucos a seguem, encostando-se, de preferência, ao coração e miudezas adjacentes. A razão exige certos sacrifícios — e os sacrifícios fazem calos no corpo e na alma. Geralmente, quando se diz que «o coração tem razões que a razão desconhece», — ou já a pregamos, ou estamos para a pregar...; ou já fizemos asneira, ou estamos prestes a fazê-la...

A razão diz ao sujeito as palavras de Cervantes, no D. Quixote: Sigue tu canto llano y no te metas en contrapuntos. Mas o sujeito, seduzido pela sereia do prazer, deixa o cantochão da prudência, e atira-se, de caras, ao contraponto da asneira.

E é Descartes que nos vem dizer — sem bom-senso nenhum: le bon sens est la chose du monde la mieux partagée!

Precisamente o contrário: é a coisa mais mal semeada entre os homens, asneirões da quinta casa!

RIDÍCULO

Não metas ninguém a ridículo, e sobretudo não o faças na presença do público, provocando, neste, o riso da troça. Arriscas-te a que o ridicularizado te aplique algum par de pontapés nas anatomias traseiras, se por ventura tiver, no lugar do coração, um saco de lacraças.

Certo sujeito gatato, indo de passeio, encontrou, numa estremeira, um verme já ressequido. Limpou o bicho e, chegando à botica que costumava frequentar, disse para um dos habitués desse centro de cavaqueira, e na presença de outros que ali costumavam reunir-se:

— Você sabe o que é isto? Encontrei esta raiz, mas não sei de que planta é.

Simploriamente, o interrogado levou a raiz à boca, mastigou, tornou a mastigar, cuspiu, e respondeu:

— Raiz não é, mas não sei o que é.

— Não; você sabe; o que não quer é dizer.

O homem, metido em bríos, tornou a mastigar e a cuspinhar, acabando por dizer:

— Raiz não é, mas não sei o que é.

Foi então que o brincalhão se abriu, rindo a bom rir da partida que pregara:

— Não. O que você esteve a trincar, sabe o que era?

— Que era? perguntou o enganado, já com cara de caso.

— Era uma... minhoca seca, que eu encontrei numa estremeira...

E, dando esta informação, não só ria alto, como fazia rir os circunstantes.

Sentindo-se alvo do ridículo, que fez o troçado? Puxou de um canivete e, enquanto o diabo cofia a pera, pôs ao sol as tripas do engração que o estivera disfrutando.

Impressões da Alemanha

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Profissionais saem das oficinas e dos escritórios, eles têm de trabalhar até às 16 e, em certas cidades, até às 18 e 19 horas. A organização de turnos acarreta despesas, que os pequenos comerciantes não podem suportar.

Outro problema não menos grave resume-se na pergunta: Que farão os diferentes membros da família com o novo dia livre? Sairão de casa para se distraírem nos campos de desporto, nos cinemas, no campismo, ou povoarão bares e restaurantes, aumentando de qualquer modo as suas despesas? Dar-se-á o caso

O NÚMERO DE RADIÓFILOS

NO ALGARVE

EM 1955 (últimos números conhecidos), existiam no Algarve 9.944 subscritores de licenças de receptores de rádio. Estamos, portanto, à frente dos seguintes distritos:

Viseu, Portalegre, Vila Real, Viana do Castelo, Guarda, Évora, Castelo Branco, Beja, Bragança, Açores e Madeira.

Visado pela Comissão de Censura

Noticias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário
Armando R. Cruz

Ainda sobre Comissões Culturais

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dum instinto que se revolta contra tudo o que é maçador.

O dia-a-dia é duro. O trabalhador absorvido com este pensamento vive desinteressado da vida e fecha-se no lar, recinto immaculado onde os infortúnios se suportam com mais estoicismo ou, pelo menos, onde as angústias se suavizam, embaladas no afago amoroso da família.

Esta necessidade, para o que é isolado, corresponde um certo alheamento por tudo o que é exterior e diz respeito ao mundo.

E, pois, necessário operar o milagre de matar o alheamento, para que o interesse (que não está morto, mas simplesmente prostrado) procure no ambiente da cultura o lenitivo para todos os males.

Não custa pôr um indivíduo a falar numa sessão cultural. O difícil consiste na escolha do tema, de modo a criar-se esse almejado movimento de interesse. Para isso, torna-se necessária, como dissemos, uma certa dose de altruísmo da parte daqueles que tomaram o encargo de dirigir culturalmente a colectividade.

Não há altruísmo? Então também não há fim cultural, mas, quando muito, sessões científicas de utilidade restrita; muito restrita, mesmo, porque o saber especializado não é coisa que se possa atirar a um auditório levianamente, nem contém matéria que entre pela cabeça de qualquer.

A propósito desta lenga-lenga, traçada na generalidade e sem objectivo de atingir ninguém, veio-me à lembrança uma conversa que sustentei com o ilustre presidente da Comissão Cultural da Casa do Algarve, durante a qual discutimos assuntos de interesse e se debateram pontos de vista.

O dr. Garcia Domingues não concorda com coisa nenhuma do que aqui temos dito, e daí, talvez esteja disposto a levar por diante o projecto duma conferência sobre a geologia da nossa província, pronunciada por «um grande especialista de subsolos algarvios».

Ora, em primeiro lugar pergunta-se: É lícito falar dum maior especialista em subsolos algarvios?

A geologia é uma ciência que tira as suas conclusões da comparação de várias observações tiradas de regiões diferentes. Um dado terreno que aflora aqui, caracterizado por determinada flora e fauna, mergulha no subsolo e vai surgir algures, fora da província, em melhores condições de estudo e muito mais rico de material fóssil. Deste modo, torna-se inviável a existência dum especialista para determinada re-

do fim de semana induzir muitos a procurarem distração ao ar livre e, enchendo comboios e congestionando estradas, voltarem para casa estafados e aborrecidos? Já no verão passado, prevalecia a opinião de que o domingo mais agradável era o passado em casa, longe das multidões.

As donas de casa lêem as propostas de reformas com certo cepticismo, de maneira alguma destituído de fundamento. Para elas, um segundo dia livre significaria mais trabalho, pois o marido e os filhos estão acostumados a que a dona de casa os trate com carinho. Ora, a refeição preparada com maior cuidado, qualquer petisco suplementar, um bolo ou um pudim, dão trabalho. Além disso, a presença do marido e dos filhos transtorna o ritmo dos trabalhos caseiros e força a uma concentração nos cinco dias restantes.

À primeira vista, a ideia de um sábado livre suscita entusiasmo. Mas, como vimos, surgem problemas que não se podem pôr levianamente de parte, e que requerem uma análise conscienciosa.

Sigrid v. Voss

gião, e muito menos em Portugal, onde os estudos de pormenor são poucos e os elementos são ainda os fornecidos pela carta geológica que está a ser revista.

Hoje, a geologia comporta as mais variadas especialidades, mas estas são independentes da posição topográfica. Assim, há cientistas para a paleontologia, e dentro desta, os «barras» em plantas e os «barras em animais»; há, ainda, os petrólogos, que só classificam rochas ao microscópio, dentro duma técnica que exige anos de dedicação; há «barras» de tudo, menos de terrenos de determinada região ou província.

Para ilustrar uma «monografia», não acredito nas possibilidades dum só geólogo. Ele terá sempre que recorrer aos colegas que classificam fósseis; que determinam rochas; que interpretam andares geológicos etc., etc.

Nem eu sei a quantos ferrolhos terá de bater o «especialista» que quiser meter ombros a um tal empreendimento...

Mas, há mais: Como todas as ciências, a geologia admite a hipótese e, desde que os elementos de campo não sejam concretos, a dúvida paira, dando lugar à discussão, donde sairá a luz. O subsolo tem carne, mas... também tem ossos.

Ora, são os «ossos» que se vão pôr em simples conferência na Casa do Algarve?

Valha-nos Deus! Um tema dessa natureza não possui matéria penetrável aos leigos. Não devemos ser mais papistas que o Papa.

A geologia do Algarve, para figurar numa «monografia», só os Serviços Geológicos de Portugal a poderão empreender, porque aí, sim, existem elementos de comparação, bibliografia variada, material classificado, laboratórios químicos e uma elite de especialistas-colaboradores (como Carrington da Costa, Torre de Assunção, Carlos Teixeira, Décio Tadeu e o geógrafo Orlando Ribeiro) apta para a resolução dos «ossos» que surgem aos demais geólogos.

Se, de facto, as coisas se passam como as estamos apresentando, parece lógico que se procure nos Serviços Geológicos de Portugal o elemento susceptível de proporcionar ao auditório da Casa do Algarve uma palestra agradável sobre o subsolo algarvio. Para uma tal empresa, é suficiente um geólogo qualquer daquele organismo.

Deste modo, lembra-se o nome do dr. Ludgero da Piedade Pilar, nascido em Tavira, mas filho adoptivo de Vila Real de Santo António.

Piedade Pilar é um homem de microscópio, mas... como não é ainda um petrólogo, está indicado para fornecer (baseado nos elementos que possui nos Serviços Geológicos) algumas ideias gerais de certos problemas relacionados com a nossa província.

Sabemos, ainda, que ele está disposto a ir à Casa do Algarve quebrar a lenda da infalibilidade topográfica, e alheio ao snobismo de certas elites — aquelas que vão ao S. Carlos cumprir um dever de sociedade, suportando, de casaca e colarinho alto, o que em casa, junto à telefonia, se negam a ouvir, de pantufas e roupão!

Estamos certos de que a Comissão Cultural da Casa do Algarve não deixará escapar esta oportunidade que se lhe oferece de dar relevo a um filho da província, de muitíssimo futuro.

E pronto. Nada mais. No próximo artigo, voltaremos para o futebol, que deixámos em meio.

J. Silva Carvalho

«Noites Andaluza»

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

«Noites Andaluza», que vão ter lugar nos teatros de Portimão e Faro, constituam verdadeiros sucessos, contribuindo, generosamente, para a importante obra social que é a Casa dos Rapazes de Faro, obra de que a Província muito justamente se orgulha, e a qual se deve principalmente à acção perseverante e dedicada do sr. capitão Carlos Marques Loureiro, distinto comandante distrital da P. S. P.

O PROBLEMA PORTUÁRIO DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tas só para nomear as localidades de maior importância. Lagos, Portimão, Armação de Pera, Albufeira, Quarteira, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António. Eis os aspirantes que hoje se batem pelo desejo de construção de um molhe ou de uma doca, e amanhã da dotação de um guindaste ou de um trabalho de drenagem. Na presença, como estamos, de cerca de um quarto da costa portuguesa, uma simples multiplicação bastará para se imaginar o rombo a fazer na economia nacional, tendo somente em conta estas questões portuárias criadas ao deus-dará.

Dividiram o Algarve em Barlavento e Sotavento, não porque cada uma destas zonas tenha vida diferenciada. Tratou-se de cortar a província em duas, para melhor individualização de petições e interesses, para melhor caracterização de questões de bairrismo.

Serve-nos esta divisão, tendo agora em conta o aspecto portuário da província.

Pensou-se numa centralização portuária, no Algarve, com o projecto da já célebre barra comum «Faro-Olhão». Errou-se, ao encerrar o problema desta forma. Primeiro, porque este porto não tinha a defendê-lo quaisquer condições naturais de segurança, e pela importância do seu custo. Segundo, por ser impossível essa centralização, quando a fronteira Vila Real de Santo António se encontrava em condições naturais de se transformar na escoante dos seus produtos industriais, servindo ao mesmo tempo, com a variante da navegação fluvial, a região mineira de São Domingos, com a possibilidade, desde que construídos alguns troços de estrada, de se tornar fonte de abastecimento e de escoamento do Alentejo fronteiro até para cima de Moura.

Alguns desastres se têm assinalado, ultimamente, na barra «Faro-Olhão»; nada mais que a repetição do que todos os anos se dá em épocas de vendaval. Agora, registaram-se o afundamento de uma barcaça carregada de alfalfa e o encalhe do cargueiro holandês «Goote», transmitido a todo o mundo pelas agências de notícias. Podem, por este motivo, outros portos da província pagar com a fuga das suas águas de muitos outros cargueiros. A generalização é a coisa mais fácil do mundo.

Actualmente, só existe no Algarve um ancoradouro seguro — o de Vila Real de Santo António. Mas um só porto, numa província com tão vasta extensão de costa, não é suficiente. O Barlavento necessita do seu ancoradouro como de pão para a boca. Sabemos que Portimão servirá um dia tal designio. Obra custosa e lenta, que pode, pelo menos em dinheiro dispendido e a dispendir, transformar-se numa nova «barra Faro-Olhão». Por isso, sempre defendemos a localização em Lagos de um porto de abrigo. Lagos e Vila Real de Santo António são dois portos naturais do Algarve. O eng. Duarte Abecasis, que nem conhecia a costa algarvia, defendeu sempre este critério.

Mas, enquanto não existir no Barlavento um porto, é necessário esclarecer da existência de um único ancoradouro, no Algarve, em condições de segurança. É preciso dar vida a Vila Real de Santo António, combatendo a retulância dos armadores, que, tomando a nuvem por Juno, podem acreditar que todos os portos da província estão nos casos da «barra Faro-Olhão». O consequente aumento de preços de fretagem viria agravar a posição económica de toda a terra algarvia, duma maneira atroz.

Mes... nem só de portos precise o Algarve

Se o mar está indicado como escoante da província, as mercadorias não podem aparecer nos cais de embarque trazidas pela varinha de condão das bruxas. Esventrar ainda mais a região, construir novos troços de estrada, que liguem a zona da serra ao litoral, é ainda contribuir para o alívio do problema portuário. Faltam ainda alguns ramais importantes da alta transversal algarvia e ligações mais rápidas do Baixo Alentejo com o Algarve. Servir só um espaço de penetração, para o interior, que não atinge mais de oitenta quilómetros, é pouco.

Não resolvem, estas pretensões, a vida de uma província inteira. Deverá a solução do problema de

VIDA LITERÁRIA

Por JOÃO A. MENDES LEAL

HISTÓRIA ILUSTRADA DAS GRANDES LITERATURAS ESTÚDIOS COR - LISBOA

VÃO já publicados oito fascículos desta obra grandiosa. Grande é o primeiro adjectivo que se impõe ao nosso espírito para qualificá-la. Não apenas pelo tamanho, que se adivinha, mas principalmente pelo valioso conteúdo que nos oferece às mãos cheias. Oito fascículos não foram ainda suficientes para completar o primeiro volume, e não esqueçamos que ela abrange, no seu plano, cinco tomos. No primeiro, as Literaturas da Antiguidade Clássica, a grega e a romana. No segundo, a francesa. A portuguesa, a espanhola e a italiana completarão o terceiro. As anglo-saxónicas, inglesa e norte-americana, serão objecto do quarto. A colecção termina com um volume dedicado às literaturas alemã e russa. Reuniram os Estudos COR, com um esforço que dificilmente podemos avaliar, um núcleo de colaboradores altamente cotados e capazes de nos darem um trabalho meritório e interessante. Para a Editorial vão os nossos primeiros cumprimentos e a nossa mais sincera admiração. Oxalá o êxito lhes seja fácil e propício, como eles realmente merecem. O público estudioso e amoroso das belas letras não deve deixar de corresponder da melhor maneira a uma iniciativa deste quilate, já que se lhe faculta, por um preço notavelmente acessível, uma obra monumental, que honra qualquer biblioteca. Depois da História da arte, nunca suficientemente louvada, se o sucesso coroar, como é justíssimo, este novo empreendimento, teremos como certo que os Estudos COR continuarão a brindar-nos com edições igualmente preciosas e que só prestigiam a nossa acanhada indústria livreira.

Augusto Mancini, professor da Universidade de Pisa e um nome ilustre do ensino italiano, é o autor da primeira parte do primeiro volume — a Literatura grega. A sua história, compreendida no espaço de tempo que separa os poemas homéricos do encerramento da Escola de Atenas por Justiniano, em 529 DC, divide-se em diversos períodos ou idades, que o prof. Mancini estuda e analisa, um por um, com extremo cuidado. Começa, assim pela Idade Jónica, que vai até à Batalha de Salónica, em 480 AC, e termina no período Romano, que se estende de 30 AC até ao ano de 529 DC. Cada uma das Idades, profusamente ilustrada, é acompanhada por um índice bibliográfico de grande valor, e onde o leitor vai encontrar nota das principais obras publicadas em todas as línguas, sobre cada um dos assuntos. Quase que poderíamos afirmar que só esses Índices Bibliográficos justificavam a edição, de tal maneira eles estão bem elaborados. As trezentas primeiras páginas do primeiro tomo são, desta forma, dedicadas à Literatura Grega.

No sétimo fascículo principia a Literatura Latina. É autor desta parte da grande obra o prof. da Universidade de Roma, Enzo Marziale. Dividiu o ilustre crítico o seu estudo em oito capítulos, o que, sistematizando a análise, facilita grandemente ao leitor o bom entendimento das Letras da velha Roma. O período das Origens, que vai até ao ano de 240 AC, inicia o trabalho, que terminará com o período da Literatura Cristã. O oitavo fascículo da História Ilustrada das Grandes Literaturas acaba ainda dentro da época de Cícero, o que nos leva a supor que serão necessários mais dois ou três para dar por findo o primeiro volume.

Como já dissemos, esta obra que os Estudos COR se abalançaram a

editar será, além de luxuosa e monumental, absolutamente indispensável nas estantes dos verdadeiros amantes das Letras. É uma iniciativa de vulto, como raras vezes nos terão dado livreiros portugueses. O êxito deve estar assegurado, mas se o não estivesse, isso seria lamentável e significaria, indubitavelmente, que o espírito do nosso público leitor estava ainda numa fase primitiva de desenvolvimento que não queremos imaginar. A História Ilustrada das Grandes Literaturas merece o apoio dos que gostam de ler e dos que gostam de saber, ate porque pode encorajar editores mais tímidos e mais recessos a darem-nos outras publicações igualmente arrojadas.

Dentre todas as reproduções que valorizam esta obra, não podemos deixar de chamar a atenção para a Es ola de Atenas, de Rafael, em grande formato e em bela realização técnica.

Notícias do Estrangeiro

● A magnífica e económica colecção de Livres de Poche continua a trazer até nós algumas das mais belas obras da Literatura Mundial. «Le destin de Robert Shannon», de A. J. Cronin, é o último volume aparecido nas montras das nossas livrarias. Do mesmo autor e na mesma simpática colecção, publicaram-se já os seguintes romances: «As Chaves do Reino», «Sob o olhar das Estrelas» e «La Dame aux Oeillets».

● As famosas descobertas de Julliard permitiram, este ano, àquele editor a conquista de alguns dos mais ambiciosos prémios das Letras Francesas. Françoise Sagan, com «Bonjour Tristesse», ganhou o Prix des Critiques; Jean Revery foi o vencedor do Renaudot, com o seu romance «Le Passage» (101 mil exemplares, antes do Prémio!); Maurice Boissais viu-se galardoado com o Prémio Interallié, graças ao seu livro «Le Gout du Pêche»; Suzana Lilar foi distinguida com o Prémio Sainte-Beuve para Ensaio, com a sua obra, «Le Journal de L'Analogue»; Jacques Lansmann ganhou o Prémio Claire Belon, graças à sua produção «La Glace est Rompue»; e Etienne Catin viu-se honrada com o prémio Chatrain, devido ao seu volume intitulado «Ceux du Rail. O que se chama um êxito!»

● Na Alemanha, surgiu um livro sensacional. Chama-se «08/15» e é seu autor um jovem desconhecido — Hans Helmut Kirst. O seu sucesso traduz-se facilmente em números bastante expressivos: 300.000 exemplares e um filme.

● O famoso romance de Gilbert Cesbron, «Les Saints vont en enfer» atingiu a linda cifra dos 240 mil exemplares vendidos. Não falemos, é claro, das edições em línguas estrangeiras!

● «Johnny Guitar» é o título dum filme em exibição num cinema de Lisboa. É também o nome dum romance agora traduzido para francês, e de que é autor Roy Chanslor.

● Anuncia-se a tradução para japonês (!) e alemão do romance «Mon Amour» de Elisabeth Trevol. O crítico Alain Bosquet designou este livro como um dos dois melhores romances do ano.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Deposítario nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República

— Telefone 12 —

transportes, quer marítimo quer terrestre, servir um vasto plano de fomento regional. Actualmente, só o litoral algarvio se encontra em condições de exportar. Dois terços da serra ou estão por desbravar ou se encontram num estado de cultura nada racional. Há ainda que roubar ao mar os sapais, os terrenos salgados.

Que se pense no plano portuário do Algarve, muito bem; mas é também necessário arranjar com que se movam os guindastes. Perdeu o Algarve uma indústria — a corticeira — que recuperaria, desde que fosse dotado de um porto no Barlavento. Contudo, reconquistar o perdido bem pouco será.

A indústria necessita de franca melhoria e novas formas de distribuição. Trabalhar, trabalhar sempre por um melhor rendimento do solo algarvio, para com ele dar melhor vida aos seus habitantes... — N. M.